

Guerra, Dor e Luto. As Implicações da Guerra nos Rituais de Morte entre os Handa

Rosa Melo

Centro de Estudos Africanos e Asiáticos (CEAA)
do Instituto de Investigação Científica e Tropical (IICT)

Lisboa

Email: rosmelo@hotmail.com ou rosmelo@netcabo.pt

Introdução

As reflexões que trago para este congresso inserem-se no quadro do meu projecto pós-doutoral com o título *Novos Mortos, Novos Lutos, Novos Rituais. Uma Abordagem Antropológica do Ritual de Anajo entre os Handa*. Trata-se de uma pesquisa, ainda em curso, desenvolvida no seio dos Handa – um dos grupos étnicos de Angola, localizado na região Sul deste país, isto é, nas províncias da Huila e Namibe – e centra-se no período da guerra pós-independência.

Breve caracterização dos Handa

Os Handa vivem, essencialmente, da agricultura e da criação de gado. Estas actividades constituem a sua principal fonte de rendimentos. No grupo em análise, o gado bovino é o símbolo do poder económico e de riqueza. É o meio que confere aos *vahanda* (os que pertencem aos Handa) o *status* e os meios de subsistência para si e para a família. Pelo seu valor, o gado não é abatido fortuitamente, excepto raras ocasiões como em

determinados rituais mortuários (particularmente de pessoas mais velhos), nos rituais de *efuko*¹ (em que a matança do boi, além de prescrita, constitui um momento de júbilo e de esplendor) (cf Melo 2001), na recepção de visitas muito importantes e no reaparecimento de um parente desaparecido há anos, cuja vinda permite o reagrupamento ou reaproximação da família.

Têm uma língua própria, o *oluhanda*, usada na comunicação entre si, nos mais diversos domínios da vida quotidiana. Vivem em conjuntos residenciais descompactados, designados por *eumbo*, em que cada peça residencial possui uma função particular. De entre elas, destaca-se o *ondjuwo yokomeso* que, de entre outras funções, possui também a função de casa mortuária familiar. Pelas suas particularidades, está ligeiramente destacada das outras, e a porta apresenta uma orientação diferente das demais habitações do conjunto residencial. Ou seja, enquanto todas as outras peças do conjunto têm a porta voltada para o centro, o *ondjuwo yokomeso* é a única que se apresenta em sentido oposto, voltando-se para o sentido de onde vem o Sol, a Nascente.

Os Handa são, em geral, polígamos, o que permite uma multiplicidade de pequenos núcleos familiares no seio do *eumbo* em que o homem é o chefe de família. O seu sistema de parentesco é matrilinear, isto é, a transmissão das linhagens, dos bens e das funções se efectua através das mulheres. Não obstante, são as mulheres que se deslocam do *eumbo* dos seus pais para se juntarem ao do homem com quem contraem o matrimónio.

Os Handa crêem na existência de Deus (Suku) e de outras divindades, como os *onosande* (espíritos ancestrais), que funcionam como intermediários dos homens. Constituem uma sociedade “vakulocêntrica”, ou seja, os *vakulu* (entendidos como os mais velhos ou aqueles que já se foram deste mundo e que pertencem a um escalão superior) constituem o centro das suas preocupações e são os que de certa forma orientam a vida dos vivos. Acreditam em forças maléficas, principais causadoras de doenças, de mortes e de desequilíbrios sociais e ambientais. Atribuem poderes extraordinários a determinados actores sociais que, conforme o seu exercício são categorizados como *onganga*, *cimbanda* e *omunianeki*. O primeiro é tido como um

¹ Designação do ritual de iniciação feminina.

agente típico do mal. Não satisfeito com a sua graça, crê-se que age negativamente através de práticas maléficas, sendo por isso acusado de “comer os outros”, ou seja, de ceifar a vida dos outros. O segundo é a pessoa a quem se recorre para curar eventuais doenças. O recurso ao terceiro deve-se à crença na sua capacidade de vaticinar, de aliviar a causa do mal, da doença (cf. Melo 2001, 2004). O recurso ao *cimbanda* e ao *munianeki* é muito frequente entre os *vahanda*. Não só em busca de soluções para as doenças e respostas às ocorrências de morte dos parentes mas também na procura das causas das mesmas, estas, normalmente, atribuídas a agentes patológicos como o *onganga*, a réplicas dos espíritos, etc..

Por razões múltiplas, como a necessidade de outras e novas condições de vida e as deslocamentos forçados pela guerra civil no país, os Handa, como qualquer um dos grupos étnicos em Angola, ultrapassam os limites dos espaços rurais para se estenderem, igualmente, nas zonas urbanas. Aqui, em contacto estreito com as culturas locais e não só, as suas referências culturais vão-se transformando. Melhor dito, alguns dos seus membros vão sendo aculturados. E, neste contexto, tendendo para uma ocidentalização comportamental, assumem novos valores, alteram, substancialmente, o seu modo de agir e de pensar, bem como o seu estilo indumentar, o desempenho dos seus rituais, os seus penteados, etc..

Com efeito, este estudo abarca os Handa, nos dois contextos mencionados, o rural e o urbano. Aliás, se na época colonial a dicotomia campo/cidade, além de evidente se revelava necessária, no sentido de diferenciar os “civilizados” dos “não civilizados”, a guerra aproximou o campo da cidade. De tal ordem que, mesmo nos centros urbanos, e com algumas adaptações, certas práticas rituais (como as de morte, as de iniciação masculina e feminina, as de adivinhações, etc..) se desenrolam, sem grandes restrições.

A guerra pós-independência, em Angola, terá ceifado a vida a milhares de pessoas, destruído o sonho de famílias inteiras e acabado com muitas delas. Terá enriquecido muita gente, mas também empobrecido famílias, retirando-as das suas próprias terras, despojando-as dos seus próprios bens, matando os seus próprios filhos.

Obviamente, as transformações socio-políticas operadas em Angola, sobretudo nos últimos vinte e seis anos, as vicissitudes evidentes, consequência das sucessivas ondas

de guerra civil e, também as mudanças no plano internacional, provocam, em certa medida, algumas transformações relativas à cultura em todo o espaço angolano. Portanto, com a guerra, novas dinâmicas foram introduzidas, no quotidiano das pessoas que a ela foram subsistindo. Isso reflecte-se, por exemplo, não só na atitude das mulheres perante a família, o trabalho e o parceiro conjugal, na forma de as pessoas se relacionarem com os outros como também na consecução de determinadas práticas rituais. Entre os Handa, por exemplo, as tradições — vistas como um conjunto de valores herdado dos antepassados, e cuja preservação se pretende escrupulosa, por forma a permitir a sua continuidade ao longo do tempo (cf. Bell 1992) — deixam hoje de ser o que eram. Ou seja, as mesmas vão-se alterando, vão-se reajustando, nomeadamente no que diz respeito à sua estrutura, bem como aos seus mais pormenorizados detalhes. Daí as mudanças, particularmente, no contexto dos rituais (cf. Melo 2001). Aliás, nenhuma cultura é constante; as normas, os valores e os comportamentos, embora profundamente embebidos na sociedade, mudam paulatinamente, com o tempo (cf. Cohen e Reid 1999).

As emoções expressas pelas mulheres ao retratarem as ocorrências da guerra, os seus sentimentos e experiências vivenciadas na guerra, as suas observações a respeito da mesma constituem o cerne das minhas análises. Com efeito, para este congresso, venho partilhar convosco uma parte da história de vida de uma jovem mulher *muhanda*, e a partir dela reflectir sobre as implicações da guerra na vida dos *vahanda*, particularmente, relativas à morte, ao luto e à dor.

Muhimba

Muhimba é o nome dela. Tem 35 anos de idade, é mãe, casada (por união de facto) e nasceu em Kakula. Esta localidade é, hoje, um município da província da Huila, e dista cerca de 80 Km da cidade do Lubango. Situa-se no centro da confluência de dois ramais de estrada que, partindo do Lubango, aí se bifurcam, seguindo um deles para o Huambo e o outro para Benguela.

A Muhimba caracteriza a sua infância em Kakula como tendo sido normal, numa altura em que não se apercebia ainda das destruições causadas pela guerra e que esta lhe pareceu sempre distante. Na falta de Lua, a iluminação nocturna do *eumbo* em que residia, tal como a de todos os outros resultava (e ainda resulta) apenas da luz das

chamas da *omafua*² ou do *ocoto*³, e a comunicação fazia-se e continua a fazer-se boca-a-boca. Raros eram (e ainda são) os portadores de rádio. Mesmo os que o tinham, poucos dele faziam uso, ou por falta de hábito ou por falta de pilhas, ou ainda para evitarem perturbações de ordem política, partidária, ou outras.

“... Passei a minha infância num ambiente normal. Não era como os tempos de alguns anos que nós estamos aqui a contar. Nós vivíamos bem, os mais velhos viviam em paz, saíam à noite para irem às festas, andavam à vontade, faziam a caça. Eles andavam muito bem. Não tinham assim muitos problemas como nesses anos atrás”.

A era colonial, apesar das adversidades, tem sido retratada, por muitos mais velhos, em Angola, como um período bom; um período revivido com alguma nostalgia, por determinadas pessoas; um período tido, por muitos que o viveram, como comparativamente melhor ao período que se seguiu à independência. O horror da guerra apaga os horrores da colonização. Na memória da sua infância, Muhimba, tal como muitas outras pessoas com as quais tenho estado a trabalhar, retrata as inquietações iniciais provocadas pelo avanço da guerra, em Kakula, como estando associada a um momento de maior circulação de pessoas de etnia umbundu; um momento em que se terá verificado o aumento da presença e interferência de ovimbundu, no quotidiano dos vizinhos; um momento em que muitos se interrogam, sobre a sua relação com a guerra.

“Nos anos em que nasci a situação de Kakula era normal. Depois de uma certa altura a situação começou a complicar. Isso porque naquele tempo não havia assim aquela movimentação, muita gente, por exemplo, nessa tal nossa área da Kakula havia poucos umbundu. Eram poucos, e até nós nem conhecíamos. Mesmo os mais velhos. Eles falavam, (...) mas nós não conhecíamos. Mas mais tarde, eles começaram a passar assim a vender coisas, tecidos, já traziam peixe seco, bombeavam já assim nos kimbos, traziam óleo; é que antigamente os mais velhos, por exemplo, assim... o meu pai, eles compravam nas *dinas*. Deslocavam-se mesmo, eles próprios, levavam os seus cabritos, os seus porcos. Mas, mais tarde, é quando começou já a entrar nos *eumbo*, trazer coisas... e os mais velhos deixaram de frequentar as *dinas*. E é quando começou já, também, a aparecer muita confusão”.

² Lugar de cozinha.

³ Lugar sagrado destinado ao homem, como chefe de família, situado no recinto do eumbo, ao ar livre (isto é, sem cobertura). Um lugar onde o dono do eumbo chefia e preside as mais diversas cerimónias tradicionais.

As cidades tornaram-se, aparentemente, e durante muito tempo, locais mais seguros para as pessoas se refugiarem da guerra. Não importava em casa de quem se alojar, nem atrás de quem ir. As áreas rurais foram-se despovoando e povoando conforme aumentava ou diminuía a intensidade da guerra, no local, a presença das tropas da UNITA, no terreno, o volume de atrocidades na região, o grau de perseguição inimiga, etc..

“...Depois eu fui para o Namibe em 1976 e saí de lá em 1984. Mas eu quando saí de lá em 84 não havia ainda essa tal confusão”. Só que pronto, assim que eu depois volto [a KAkula] fiquei dois, três anos. No quarto ano já, cinco, é quando começou já aquele ... grande confusão. O inimigo começou a vir muito, depois é quando fui desonrada... [por um grupo de militares da UNITA]”.

Nessas localidades, uns foram-se depauperando: fugiam sem os seus haveres. Dormiam em buracos e passaram fome. Morriam, resultado das doenças e de graves carências alimentares.

“As pessoas depois continuaram a dormir na mata, não por hábito mas, mesmo por medo. Em casa, era um problema, a pessoa não dorme bem ... e também mais tarde eles [os militares dsa UNITA e os bandidos] também começaram já a descobrir que as pessoas dormem nas matas... Uns vêm directamente nos *kimbos*⁴, outros rodeiam já nos arredores... Depois, mais tarde, já era assim. Depois, a pessoa não sabia já o que fazia, ou dorme dentro do *kimbo* ou dorme no quê. É por isso que muita gente depois ficaram já assim ... a:a se me apanharem aqui dentro do meu *kimbo*, pronto, se me apanharem na mata, paciência. Porque é dormir na mata, é dormir no *kimbo* a pessoa sempre tem aquela suspeita. Depois, as pessoas que têm cães é que, às vezes... mesmo aquilo era, também, um pouco engraçado. É os cães, vocês estão a ir e os cães vos acompanha. Quando chega lá, à noite, um mínimo circuito os cães começam a ladrar. Os cães começam a ladrar, e eles [os militares dsa UNITA] dizem logo, ali tem pessoa, e vão lá. Isso foi nos anos 87, 88 até mesmo em 89. Eles faziam mesmo essa confusão toda. Aquilo que aconteceu com a tia Katumbo foi já ... nos noventa e cinco por aí. Isso foi já depois dessa grande guerra de 92. Porque muita gente saiu de lá. E pouca gente, aquela mesmo corajosa dizia a:a eu vou mesmo só quê, remediar assim, as vezes qualquer dia isso vai acabar a nossa força, não sei o quê... eu não vou poder mais com as crianças, onde é que eu vou ficar... Ela (a tia Katumbo) depois tinha muitos filhos. Eu acho que ... não sei mesmo, uns seis, sete filhos. Ela tinha mesmo

⁴ Termo umbundo que designa casa, aldeia, conjunto habitacional, terra.

muitos filhos. Isso foi em 95, em 95. Lhes raptaram no kimbo, lhes levaram, lhes levaram. Depois de kms e mais kms eles[os militares dsa UNITA] parece que estavam a ver que não havia mais outra alternativa de lhes levar, estavam cansados, então amarraram cada um no seu pau. Cada um no seu pau. A mulher num pau, o marido noutra pau cada filho no seu pau... assim só, tudo seguidinho, tudo ali só no mesmo sítio, assim. Ali morreram de fome, de sede... tudo, de calor... depois, é uma área isolada... em que as pessoas todas já, a maioria já tinham fugido. Foram encontrados por um senhor que estava a fazer a caça...”.

Outros deixavam para trás toda a sua riqueza, o gado bovino. “Sagrado” pelo seu valor, simbolismo e lugar na vida dos Handa. Nem sabiam se sobreviveriam. Às vezes, houve quem preferisse não sobreviver.

“Durante a guerra, as vezes começava uma situação, quando agente pensa que está a passar, surge outra. Até parece que está a ser dirigido ou quê. Sobre a guerra, a pessoa não tinha já aquele pensamento de que qualquer dia isso vai acabar. Até quando? A pessoa pensava, mas até quando? As coisas quando apareciam, assim, ao contrário, a pessoa pensava, mas isso até quando? Será que isso qualquer dia vai acabar? Esta tal guerra irá de acabar e vamos viver bem? Eu vou ficar bem mesmo sem mais um problema, nem dois? Vou ficar mesmo bem, bem mesmo, em paz mesmo, sem nada, sem nada? As pessoas pensavam sempre assim... e depois, às vezes, até as pessoas pensavam *a:a* quando é assim, se morresse... talvez seria melhor. A pessoa sai desse sofrimento, vai para o outro, sai desse vai para o outro. É por isso mesmo que eu apanhei desgosto que... desde esses tais acontecimentos que eu acabo de dizer eu nuca [nunca], nuca, nuca mais meti os meus pés na minha área [local onde nasceu], por causa dessa situação. Mas pronto, eu vou ter que voltar porque... tem lá muita riqueza do meu pai, dos meus pais. Os terrenos estão lá... depois esse tempo da paz está a aparecer muita gente. Terreno quando não se trabalha, eles têm tendência de dar nas outras pessoas. Então, nós assim, como filhas e filhos, é que temos que segurar ou talvez voltar que é para ver o problema também dos terrenos que estão lá. Porque o papá também já não quer mais voltar. Está mesmo já com aquele coração... já perdeu os bens, já quê. Não quer mesmo mais voltar. Embora que tem lá os seus sobrinhos, mas ele não quero mesmo mais voltar”.

O roubo de gado era comum na turbulência da guerra. Roubavam-no os vizinhos, os familiares, as tropas, os espertos. Outros locupletavam-se com a guerra, pilhando o

alheio. Consequentemente, tinham interesse em que esta se prolongasse. Sem nunca terem conhecido bois, tornaram-se donos e senhores de gado.

Ao contrário dos seus vizinhos Cilenge Muso, os Handa apontam o sentido do nascer do Sol como sendo a direcção de onde provêm, ou seja, o ponto onde assentam as suas raízes ou jazem os seus antepassados (Melo 2001). Este aspecto está de tal modo entalhada nas suas concepções ideológicas e nas suas manifestações sócio-culturais que a sua revelação, em momentos cruciais da sua vida, se revela importante. Um exemplo disso é a estrutura do *eumbo* em que o *ondjuvo yokomeso* se orienta para a Nascente, ao contrário do que acontece entre os Muso. Este mesmo sentido de orientação imiscui-se, também, na postura do corpo ao dormir e nas práticas funerárias e de enterramento dos mortos⁵.

Mas, com a guerra, os mais velhos morriam, sem que nos seus rituais mortuários se abatessem cabeças de gado. As meninas passavam pelo *efuko*, sem boi. Comiam *lombi*⁶, uma prática desprestigiante, humilhante e vergonhosa, porque associada à pobreza ao desleixo familiar. Os filhos (homens) eram apanhados e forçados a combater, ou pelo governo ou contra este. E de uma ou de outra parte o risco estava sempre presente. Afastavam-se, normalmente, das famílias.

“...Durante a guerra, ali eram duas coisas iguais. Os homens, se não forem apanhados pelo MPLA, que é a nossa tropa, tem que cumprir a vida militar. Se não for aqui, tem que ser raptado pela UNITA. Desaparece para sempre. Então a mãe, se tiver filhos, você é que fica ali em casa, abandonada, ir de cima abaixo procurar de comer, a situação de guerra é contigo, você é que sabe como é que vai fazer, se vai aonde com os filhos, se vai num buraco, se vai aonde. De dia ficas preocupada a procurar coisa de comer para as crianças; trabalho, você sozinha. A noite é aquela preocupação de... os inimigos andavam mais à noite. A UNITA, geralmente, andava mais, mais, mais à noite. Você não dorme com as crianças.

⁵ Este fenómeno é também observável em muitas outras sociedades africanas como, os criadores de gado da zona Oeste do Kénia (Parkin 1992).

⁶ Corruptela do termo oluhanda *onombi* que designa um conjunto de vegetais comestíveis e que no geral se resumem em folhas (como as de abóbora, de rama de batata, etc.). Pode também ser usado no sentido de conduto.

Houve quem tivesse sido dado como morto, tendo, depois, aparecido mais tarde. Muitos mortos foram enterrados de qualquer maneira. Outros nem sequer foram enterrados.

Referindo ao noivo, com quem ia casar-se, a dois dias da sua morte, e já depois de ter sido violada, anos atrás, por um grupo de militares da UNITA, a Muhimba diz:

“...Ele [o noivo] não apareceu. Afinal de conta quando ele vai assim... procurar os bois, o inimigo... da UNITA, passa do outro lado... e se dão encontro. E naquela coisa de... ele [o noivo] ser de Benguela, cresceu na cidade, fala pouco ... o dialeto, hum... fala né, mas não fala assim bem, bem. Era mesmo *muhand*. Então, naquela coisa de não falar bem, lhe levam... humm, foi raptado [pela tropas da UNITA]. Eu assim... em casa, a dormir. A família também já preocupada. A: a agora aquele [o noivo] que foi ali, como é? Segundo dia..., nada! Então aí mandaram já, comunicado já, na Kakula. Todo as áreas, os coordenadores a dizer olha aqui desapareceu uma pessoa assim, assim... assim, assim... ele chamava-se Ernesto Kaivala... Assim, assim... ele é alto..., tem um casco chadrez... castanho, não sei quê, no bolso levou uma faquinha. Afinal de contas ele já foi raptado no tal dia... já lhe mataram... foi apanhado lá... num sítio chamado Matome. Foi apanhado memo lá... porque aquilo tudo é nossa área, é tudo Handa. Foi levado, levado, levado e quando chegaram lá ele parece que... não sei se não quis mais ir e começou já a lutar ou quê, então pronto... começaram a lhe... ele foi memo morto assim... foi faqueado memo. Lhe amarraram... o tal casaco que ele tinha... rasgaram com faca e amarraram assim... nos olhos, hummm... nos olhos. E... taparam assim ... com coiso ... com arbustos, no corpo, depois dele morto, mas sempre amarrado... Aquilo também já era uma desgraça. Eu já passei por uma ... já fui desonrada [pela UNITA]... agora mais ... outro [a UNITA mata o noivo]... Tá a ver que aquilo tava tipo... sei lá... parece o azar tava a me perseguir... ou alguma coisa... a pessoa nem sabe”.

Ser enterrado de qualquer maneira, é revelado como uma falta grave, entre os Handa. Uma falta, não só com relação ao defunto mas também para com os espíritos ancestrais, em si. Uma falta de que os sobreviventes se sentem na obrigação de se redimir, e que coloca a comunidade em perigo. Isto é, à mercê das reacções dos defuntos, em busca de um lugar, em paz, entre os seus. Diz-se que o morto tem de ser bem enterrado para descansar bem, para não perturbar os vivos. Em torno do morto, desenrolam-se uma série de rituais, conforme a sua idade, com vista a alcançar tais objectivos. Com o

propósito de conduzir o defunto junto dos que já partiram, a permitir que se despenda da vida dos vivos, que se despeça destes e que e de tudo o que vivera e acumulara, e proporcione harmonia entre os seus. É neste contexto, e porque se crê que os espíritos ancestrais têm poderes, são medianeiros entre Deus e os vivos, que entra o abate de cabeças de boi, pertença do defunto. O número varia consoante o seu estatuto social e poder económico avaliado no número de cabeças de boi, no seu armentio.

Entretanto, com a guerra, muitos mortos não foram enterrados. Alguns corpos eram expostos como troféu dos militares e assim apodreciam.

“... Ela é professora e é esposa desse senhor dono do bar aonde que estava escondida [quando começou o tiroteio]. Então o marido também morto. Mataram o senhor, quando o senhor estava a sair do bar para ir lá para os arbustos, p’ a mata. Então, na estrada, lhe dão um tiro, depois, lhe tiraram toda a roupa. Lhe meteram memo assim no meio da estrada todo nu. E a mulher acompanhou tudo, porque a mulher é que estava a frente. Então, [as tropas da UNITA] não viram a mulher. E só viram o marido que estava a sair. Só viram o marido que estava a sair. Então, naquela coisa já, quando me viu, estava a chorar e quê... pronto”.

“...É triste. As pessoas não enterram os seus mortos em condições. Aquilo é meter assim... em cima das carroças é só mesmo meter, enterrar à toa. Uns são militares, muita tropa nossa que morreu ali, muita, muita, muita. Muita tropa. Não foram enterrados em cemitérios. Aquilo é só cavar, aquilo já não havia tempo. Depois as pessoas estavam assim... muito precipitado ainda, com medo. Aquilo... aquela guerra. No caso do meu noivo, os parentes já nem viram o corpo. Foi mesmo enterrado, ali, aonde que ele foi encontrado. O óbito assim já não feito como os outros óbitos. Ali já é diferente, porque estão a ver o corpo. Porque há muitas cerimónias que se faz. Agora aquilo é mesmo só, só chorar. É só chorar. Fez só um dia. Noutra dia seguinte já saiu p’ra fora, meterem o luto, a família, e pronto. Já não se faz as cerimónias porque, geralmente, quando o corpo está ali... o óbito é diferente. O óbito é diferente. É isso”.

A guerra impediu homens e mulheres de chorarem os seus mortos, no sentido de poderem ritualizar o luto dos seus ente queridos, e segundo a tradição. Com os seus dias determinados, com as manifestações dos familiares, com a devida despedida e recomendações dos vivos. Nas suas conversas, é frequente os mais velhos falarem da

necessidade que têm de “saldar a dívida ” com os seus mortos, particularmente, os que morrerem na guerra. Dar-lhes paz entre os mortos, para que os vivos possam prosperar, constitui, hoje, uma vontade, uma necessidade dos mais velhos. Precisam de enterrar os mortos. Saber onde estão os corpos dos seus filhos, dos pais, dos seus irmãos, dos maridos que um dia partiram para a guerra e nunca mais voltaram... Não obstante a necessidade e a vontade, a pobreza de muitas famílias, hoje, impede-lhes ainda de levar a cabo tal facto.

“... Agora, a vida actual é quase igual. Aquilo era guerra, mas agora também a vida... também tá difícil. Você como mãe é que tem que ficar em casa, o homem sai vai procurar uma outra vida. Eu, por exemplo, fico aqui muito tempo sozinha com as crianças. Eu é que tenho que desenrascar, vender uma cerveja, vender um *makao*, fazer quê, até quando ele vem. Assim que ele vem, te dá um dinheirinho, não sei quê, para aumentar naquilo que você faz, vai mais. Porque sentar só num sítio, os dois, também não dá. A vida é essa. E, geralmente, eu acho que a mulher sofre mais. A mulher... sofre mesmo mais”.

Não obstante o fim da guerra, o sentimento de revolta contida ao longo desses anos é ainda expresso, nas palavras, no olhar e nos gestos quer dos homens, quer das mulheres, particularmente diante de dificuldades que teimam em sussitir, ainda, nas suas vidas.

“A revolta agora é dor de peito. Por exemplo, eu fiquei sem nada, eu passei nesse sofrimento, os bens, meus, dos meus pais, famílias, etc.. Mas aonde é que eu posso reclamar isso? O meu sofrimento próprio por causa da guerra, que não foi por mim própria, por minha livre vontade, nem por problema familiar, foi através da guerra. Mas afinal de conta, aonde é que eu posso reclamar isso? Eu pergunto isso. Aonde é que eu posso me dirigir, que eu possa falar isso tudo, e qual a resposta que poderão me dar? Vai ser positiva ou vai me sair mal? Porque não deveria falar, ou quê? A pessoa fica com aquele... com aquela coisa toda. Dá vontade de pedir contas a alguém, mas quem é esse tal alguém? Quem é esse tal alguém? Só se diz é guerra, é guerra, mas quem é esse alguém, aonde é que eu posso me dirigir para dizer tudo o que eu sinto, aquilo aonde que eu passei, os meus bens, os bens do meu pai. O meu pai até hoje apanhou desgosto de ir até à área dele. Está como um ... é deslocado, né, eu digo que é isso. Que nuca [nunca] agente já viu, e que nem escutamos o que é isso, yá. O meu pai diz eu vou voltar pr’a quê? E depois de eu perder o que é meu, já estou velho...(ele tem 82 anos), já não tenho força para trabalhar mais aquilo que eu tinha, prefiro mesmo eu ficar assim e atéeee o meu fim, já não volto mais, porque já há, não há mais nada para a pessoa estar lá, para voltar”.

Bibliografia

BELL, Catherine (1992), *Ritual Theory, Ritual Practice*, New York, Oxford University Press.

COHEN, Desmond REID Elizabeth (1999), “The Vulnerability of Women: is this a useful construct for policy and programming?”, BECKER, Charles DOZON, Jean-Pierre, OBBO, Christine et TOURÉ, Moriba, *Vivre et penser le SIDA en Afrique. Experiencing and understanding AIDS in Africa*, Paris Éditions Karthala, 377 – 387.

MELO, Rosa Maria Amélia João (2001) *Efuko: Ritual de Iniciação Feminina entre os Handa*, tese de Doutoramento, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE), Lisboa.

MELO, Rosa Maria Amélia João (2004) “A Sida nas conversas do quotidiano entre as mulheres Handa”, Dakar, CODESRIA, (no prelo).

PARKIN, David (1992), “Ritual as Spacial Direction and Bodily Division”, Daniel de Coppet (ed.), *Understanding Rituals*, London and New York, Routledge, 11-25.